

#### **4 - O LITORAL SERGIPANO E A OPÇÃO PELO TURISMO**

Sergipe, encravado entre os rios São Francisco e Real, tem área aproximada de 21.040 km<sup>2</sup>. A população atual é de 1.939.426 habitantes, com densidade demográfica correspondente a 89 habitantes por km<sup>2</sup>; representando 1,41% da Região Nordeste e 0,25% de todo o território brasileiro (BRASIL, 2007). Limita-se ao Norte com o Estado de Alagoas através do rio São Francisco, ao Sul e a Oeste com o Estado da Bahia.

As áreas de patrimônio natural apresentam em sua extensão territorial, ecossistemas – cerrados, caatingas, mata atlântica, praias restingas e mangues, em associação às unidades de conservação e patrimônio histórico cultural. O acervo é significativo, principalmente quando se trata da quarta cidade mais antiga, São Cristóvão, e também merece destaque o Centro Histórico de Aracaju e outros acervos de interesse para o turismo como as igrejas, que são de expressivo valor.

Segundo dados de Sergipe (2005), o desenvolvimento do turismo foi significativo para o período do PRODETUR I, com um incremento de turistas de mais de 30% no período de 1995-2000 e mais de 50% no período 2000-2005; 37% de aumento de fluxo aéreo no primeiro período (1995-2000) e 39% no segundo (2000-2005); e 47% a mais de estabelecimentos ligados à hospedagem entre os anos de 1995 e 2000, adicionados em 30% no período 2000-2005. Assim, a posição estratégica de Aracaju, localizada na porção central do Litoral, e a malha viária bem distribuída segundo dados mais alentadores, induzem o visitante a se deslocar em busca das mais variadas ofertas. Recentemente, houve o reconhecimento de seus atrativos, apoiado pelo desenvolvimento do turismo brasileiro, em particular do Nordeste, e pela abertura turística promovida pela necessidade crescente de novos destinos.

A avaliação das potencialidades turísticas tem como amostra três centros<sup>1</sup>, constituídos pelos seguintes municípios: Brejo Grande, Pacatuba, Pirambu, Barra dos Coqueiros (Litoral Norte); Aracaju e São Cristóvão (Litoral Centro-Sul); Estância e Indiaroba (Litoral Sul), na configuração de polo instituído pelos governos nacionais e estaduais.

Dessas regiões, relacionadas com seus respectivos municípios e potencialidades de desenvolvimento do turismo, carece distinguir os que fazem parte do litoral. Dos treze municípios definidos como estratégia de governo do Polo Costa dos Coqueirais (1994-2009),

---

<sup>1</sup> Centro Turístico, segundo Boullón (2002, p. 84) “é todo conglomerado urbano que conta em seu próprio território ou dentro de raio de influência com atrativos turísticos de tipo e hierarquia suficientes para motivar uma viagem turística”.

oito foram escolhidos por estarem situados no litoral; um deles, São Cristóvão, está localizado em área estuarina e tem potencial histórico e cultural.

Nesse sentido, os municípios pesquisados e aqui referenciados são:

- ✓ Brejo Grande, Pacatuba, Pirambu, Barra dos Coqueiros (litoral Norte) – abrangem áreas das bacias hidrográficas do rio São Francisco e do rio Japaratuba;
- ✓ Aracaju (litoral Centro-Sul), que integra parcialmente a bacia do rio Sergipe e do rio Vaza Barris, e São Cristóvão que, embora não se localize no litoral, é um município que possui área estuarina e sofre influências das marés (região costeira adjacente);
- ✓ Estância e Indiaroba (litoral Sul) constituem parte da bacia do rio Piauí.

#### 4.1 – O Litoral Sergipano

O litoral sergipano tem uma área aproximada de 163 km de extensão compreendida entre os rios São Francisco, ao Norte, e Piauí/Real, ao sul e apresenta uma diversidade de aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos (FRANÇA *et al*, 2007). Ocupa uma superfície de 5.453,8 km<sup>2</sup>, equivalente a 24,9% do território do Estado de Sergipe (FONSECA *et al*, 2009). Sua extensão é variável entre 20 a 40 km, apresenta descontinuidade, assimetria e alongamento no sentido NE/SE, com maior expressão areal na dependência do recuo dos tabuleiros costeiros. Ao Norte do Estado, essa faixa é ampla, condicionada pela feição deltaica do rio São Francisco. (BRASIL, 2005).

A respectiva área é dividida em seis bacias hidrográficas<sup>2</sup>, que drenam todo o Estado de Sergipe e recebe influência direta dos estuários – do rio São Francisco, do rio Japaratuba, do rio Sergipe, do rio Vaza-Barris, do complexo Piauí-Real – e do Oceano Atlântico. A bacia do rio São Francisco, a mais importante de todas, drena terras de cinco Estados brasileiros e tem sua foz na divisa de Sergipe com Alagoas. A bacia do rio Japaratuba é genuinamente sergipana, enquanto as bacias dos rios Sergipe, Real, Vaza Barris e Piauí banham também terras do Estado da Bahia. “Em função dessa base territorial, a maior parte do litoral sergipano é ambientalmente frágil e por isso necessita de uma ocupação ordenada” (FONSECA *et al* 2009).

---

<sup>2</sup> Bacias Hidrográficas ou Vales – “conjunto de terras drenadas por um rio principal e seus afluentes. Nas depressões longitudinais se verifica a concentração das águas das chuvas, isto é, do lençol de escoamento superficial, dando o lençol concentrado – os rios.” [...] A bacia abriga uma hierarquização na rede, e a água escoia normalmente dos pontos mais altos para os mais baixos. [...] A bacia hidrográfica inclui uma noção de dinamismo, por causa das modificações que ocorrem nas linhas divisórias de água, sob o efeito dos agentes erosivos, alargando ou diminuindo a área da bacia. [...] A bacia hidrográfica pode ser principal, secundária, terciária, litorânea e central ou interior, e essa última quando constituída de cursos d’ água de subafluentes (GUERRA; GUERRA, 2008, p. 77-78).

O relevo caracteriza-se por altitudes modestas e se eleva à medida que se caminha para o interior. Classifica-se em planície litorânea e tabuleiros costeiros. A primeira estende-se de norte a sul ao longo de toda a faixa costeira e é formada por praias, manguezais, restingas, campos de dunas, as duas últimas com alturas de até 30 metros. A segunda, após a planície costeira, em direção ao interior forma morros e colinas com altura de até 100 metros (BRASIL, 2005). Há variedade de solos, dentre eles se destacam: arenoso do litoral (podzol, areias quartzosas), “são solos ácidos, profundos, de baixa fertilidade. Drenam com rapidez toda a água que cai e, devido à salinização, dificultam o uso agrícola”. No entanto, os coqueiros adaptam-se a esse tipo de solo; arenoso argiloso dos tabuleiros (podzólicos e latossolos)<sup>3</sup>, é de cor avermelhada pela liberação de ferro existente na rocha, além de pobre em nutrientes; e devido à alta acidez, necessita de corretivos: adubação orgânica e fertilizante. “A textura arenosa desses solos facilita as ações erosivas, sobretudo quando o relevo é ondulado. A retirada da Mata Atlântica e a exposição desse solo às chuvas, somadas aos processos de lixiviação e de escoamento superficial, facilitam a degradação do mesmo” (BRASIL, 2005, p., 52).

Ao se considerar a chuva como principal fator climático de referência e, como tal, um elemento natural de definição e configuração espacial, tem-se que “a sazonalidade das chuvas (variabilidade intra-anual) como inconstância temporal, também é mais pronunciada com a continentalidade. A estação seca é mais severa à medida que se interioriza o território sergipano” (PINTO, 1999, p. 25). A autora conclui em seu trabalho sobre os reflexos da seca em Sergipe, que a variabilidade pluvial no litoral se expressa mais acentuadamente no setor norte do Estado, enquanto o setor litorâneo do sul é mais favorecido pelos totais pluviais.

Nesse contexto, e no que se refere às unidades de conservação do Estado, foram criadas nove pelo Sistema de Unidades de Conservação-SNUC, instituído pela Lei 9.985/2000. Cinco delas são estaduais: APA da Foz Rio Vaza-Barris (1990); APA do Litoral Sul (1993); APA do Morro do Urubu (1993); APA do Litoral Norte (2004); Área de Especial Proteção Ambiental (1990), que corresponde ao trecho do rio Sergipe, bem como suas margens, localizadas entre os municípios de Aracaju e Barra dos Coqueiros. As demais correspondem às três UCs federais: Parque Nacional - PARNA da Serra de Itabaiana; Reserva Biológica - REBIO de Santa Isabel (1988); Floresta Nacional - FLONA do IBURA (1995); uma municipal, o Parque Ecológico

---

<sup>3</sup> **Solos podzólicos**, “são aqueles formados, total ou parcialmente, sob a influência do processo da podzolização”. Este processo consiste na eluviação do horizonte A e na concentração, por vezes, de óxido de alumínio, óxido de ferro e matéria orgânica, no horizonte B (GUERRA; GUERRA, 2008, p. 498). **Latossolo** – solo submetido ao processo característico das regiões intertropicais de clima úmido e estações chuvosas e secas alternadas, acarretando a remoção de sílica, e o enriquecimento dos solos e rochas em ferro e alumínio (*op. cit.*, p. 384).

Tramanday, localizada em Aracaju (1996) e uma particular, a Reserva Particular de Patrimônio Natural - RPPN, Fonte da Bica criada em 1999. Apesar dessas decisões, há restrições no campo do “diagnóstico prévio e consulta pública, exceto na criação das reservas federais” (SOUZA; LANDIM, 2007).

O Litoral Norte de Sergipe, assim nomeado, é composto por dezessete municípios, com extensão territorial de aproximadamente 2.783,3 km<sup>2</sup>. Dentre as principais características, vale destacar as áreas naturais preservadas, encontradas mais precisamente a partir do município de Pirambu, estendendo-se até os limites do Estado de Alagoas. Neste trecho, como se refere Fonseca *et al* (2009), é encontrada a Unidade de Conservação (UC), Reserva Biológica (REBIO) de Santa Isabel, cuja ocupação é disciplinada por lei federal. O Decreto de nº 22.995, de 09 de novembro de 2004, institui como Área de Proteção Ambiental (APA) do Litoral Norte, os municípios de Pirambu, Japoatã, Pacatuba, Ilha das Flores e Brejo Grande, em Sergipe.

O Litoral Centro-Sul, na classificação deste estudo, é composto pelos municípios de Aracaju e São Cristóvão que têm características para um turismo urbano de lazer, histórico e cultural, de convenções e negócios. Além disso, os municípios localizam-se em áreas estuarinas e praianas, respectivamente, sua temperatura pouco oscila, permanecendo entre 25 e 30°C.

O Litoral Sul de Sergipe abrange os municípios de Itaporanga d’Ajuda, Estância, Santa Luzia do Itanhi e Indiaroba e totaliza uma superfície de 2.496,4 km<sup>2</sup>. Essa área foi reconhecida como Unidade de Conservação através do Decreto nº 13.468, de 22 de janeiro de 1993. A estrutura de ocupação compreende desde a foz do rio Vaza Barris até a desembocadura do rio Real, cerca de 55,5 km de costa e largura variável entre 10 a 12 km, do litoral para o interior (SERGIPE, 2009). São municípios de expressividade no que tange as praias, as restingas arbóreas, os manguezais e as manchas mais preservadas de Mata Atlântica. Destacam-se para efeito de pesquisa e de investimentos neste estudo: Estância (praias do Saco e Abaís) e Indiaroba (rio Real e Piauí).

Segundo Fonseca *et al* (2009, p. 9), o Litoral Sul apresenta “elevada fragilidade ambiental, acentuada pela presença de lagoas encaixadas entre os cordões litorâneos”. Na descrição dos mesmos autores, os atrativos naturais dessa região “são ampliados pela presença de elevada densidade da rede hidrográfica e pela diversidade geomorfológica, que, aliados ao acesso rodoviário, facilitam a utilização do espaço como área de segunda residência para o veraneio e o turismo”. Um exemplo disso é retratado na pesquisa de Vieira e Nascimento (2003), quando afirmam que, nas proximidades dos povoados de Santa Cruz do Abaís, Saco



da Boa Viagem e Porto do Mato, os sítios estão sendo vendidos para loteamentos, prejudicando a população no que diz respeito à destruição do coqueiral. O turismo, nesse sentido, cria e demanda ocupação e geração de renda, no entanto gera dificuldades para as atividades agrícolas.

A figura 5 representa o cartograma do uso do solo, Polo Costa dos Coqueirais/Sergipe.

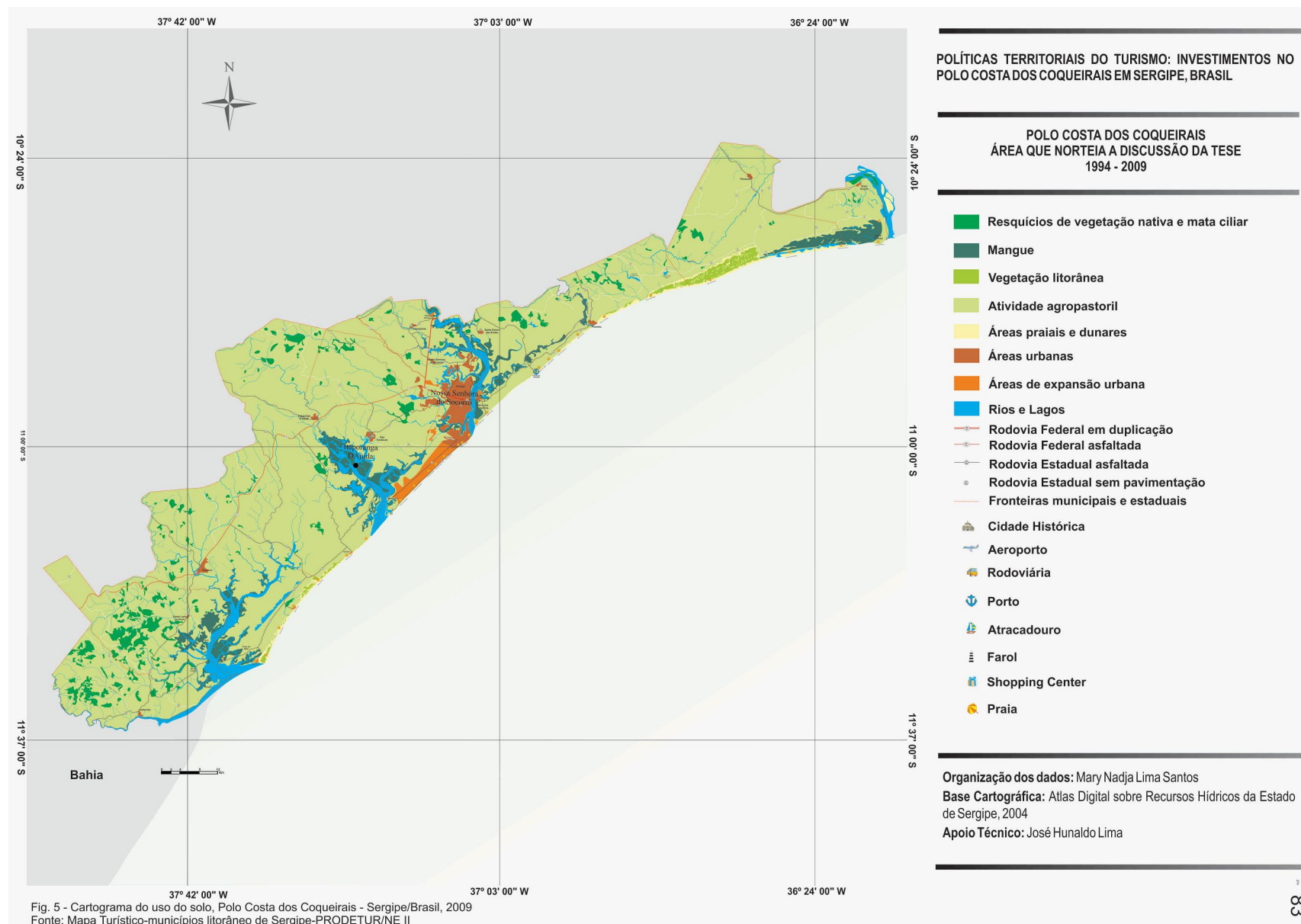


Fig. 5 - Cartograma do uso do solo, Polo Costa dos Coqueirais - Sergipe/Brasil, 2009  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneo de Sergipe-PRODETUR/NE II

#### 4.2 – Potencialidades Turísticas

Analisando-se de *per se*, tem-se, em **Brejo Grande**, o elo do rio com o mar. Após ser descoberto, em 1542, pelos holandeses e portugueses, a antiga ilha, por Carta Régia de 24 de outubro de 1534, passou de Pernambuco para Sergipe e, posteriormente, veio a pertencer ao município de Vila Nova. Segundo informações de Maynard e Araújo (1957), o português José Alves Tojal fez desaparecer a ilha obstruindo o canal que a separava da Capitania de Sergipe del Rei. Assim o relata:

Após o ano de 1820, alagoanos, pernambucanos e cearenses, tangidos pelas secas dos sertões nordestinos, vieram residir em terrenos embrejados à margem direita do rio São Francisco, na referida ilha, perto da foz deste rio, e com a ajuda do Barão Bento de Melo, fundaram a povoação de Brejo Grande (*op.cit.*, p. 252).

A sede municipal (figura 6) localiza-se à margem direita do rio São Francisco, em zona de planície litorânea, dotada de mangues e áreas de restinga. Suas principais atividades econômicas estão concentradas na agricultura – cultivo do arroz e do coco-da-baía, criação de gado bovino para abate e produção de leite, pesca e piscicultura. A extração mineral de petróleo (o primeiro poço de petróleo foi “furado” em 7 de dezembro de 1969) gera rendas ao município.



Fig. 6 – Visão urbana da sede do município, 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.

Há potencial para o turismo, por exemplo, nas ilhas, nos ecossistemas, nos recursos hídricos, nas fazendas tradicionais, nas áreas de minifúndios privados, mesmo sendo o município carente de infraestrutura, como equipamentos e serviços de apoio ao turista<sup>4</sup>.

Veem-se ainda, na figura 7, os impactos ambientais causados pela construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (Povoado Cabeço), apesar dos recursos advindos dos *royaltes* da Petrobrás e outros incentivos de impostos.



Fig. 7 – Atrativos naturais/impactos ambientais – Povoado Cabeço, Brejo Grande, 2008.  
Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

Não obstante essa realidade, a figura 8 reflete um conjunto de imagens que representa as potencialidades do município de Brejo Grande, onde se encontra a riqueza natural do rio São Francisco, juntamente com as vilas de pescadores ao longo da margem.

Salientam-se os costumes locais da comunidade que vive à beira do rio e que dele desfrutam das mais significantes formas, seja através da pesca, do tratar dos peixes, da lavagem de roupa, brincam, contam e recontam as crendices populares. A feira livre expressa a tradição de encontro da comunidade.

Ainda a figura 8 sinaliza a oferta do município para a prática e fomento da atividade turística. O rio São Francisco e os mangues que são berçários de vida selvagem e dos

<sup>4</sup> SANTOS, Mary N. L. Diagnóstico e plano de desenvolvimento local. Brasília: Secretaria Executiva da Comunidade Solidária/UNESCO/UFS-FAPESE, 2002.



caranguejos, as plantações de coco, a produção do artesanato com sua fibra, além do Farol do Cabeço, representam atrativos singulares na foz do rio<sup>5</sup>.



Fig. 8 – Representação da cultura local e sua base econômica, Brejo Grande, 2008.  
Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

O Centro de Produção de Artesanato do município (Figura 9) revela-se importante para a geração de renda, além dos trabalhos desempenhados pelas artesãs.

<sup>5</sup> Descrição e imagens das figuras relacionadas (figuras 7 e 8) foram publicadas através do Programa Institucional de Iniciação Científica-PIBIC/CEFET-SE (IFS): SANTOS, Mary N. L.; BOMFIM, Fagner dos S.; CRUZ, Josielma S. da. *(Eco) turismo e territorialidade e suas relações de pobreza na gestão de polos no Litoral Norte de Sergipe, Brasil*. Fortaleza: II CONNEPI, 2007 (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, CEFET-SE).



Fig. 9 – Centro de Produção do Artesanato Local, Brejo Grande, 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.

As imagens (figura 10) representam, no geral, a dinâmica socioprodutiva do município onde, se destaca a produção do arroz, a pesca e o traslado de turistas e comerciantes da região. O assoreamento do rio São Francisco é causado pelas construções habitacionais erguidas sobre a mata ciliar dos rios, a derrubada de montes de área para a construção de terrenos, contribuindo para a derrubada dos mangues e poluição do rio, lagoas e mar.





Fig. 10 – Paisagem natural e utilização do solo, Brejo Grande/SE, 2008.  
Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

As imagens representadas no Cartograma do Uso do Solo de Brejo Grande (figura 11) refletem a dinâmica geoambiental municipal. Essa figura também retrata as potencialidades paisagísticas que compõem os municípios pesquisados através de seus ecossistemas – vegetação de mangues, rios, praias e resquícios de mata atlântica e de mata ciliar. Do ponto de vista do turismo, realça as áreas praianas e dunares.

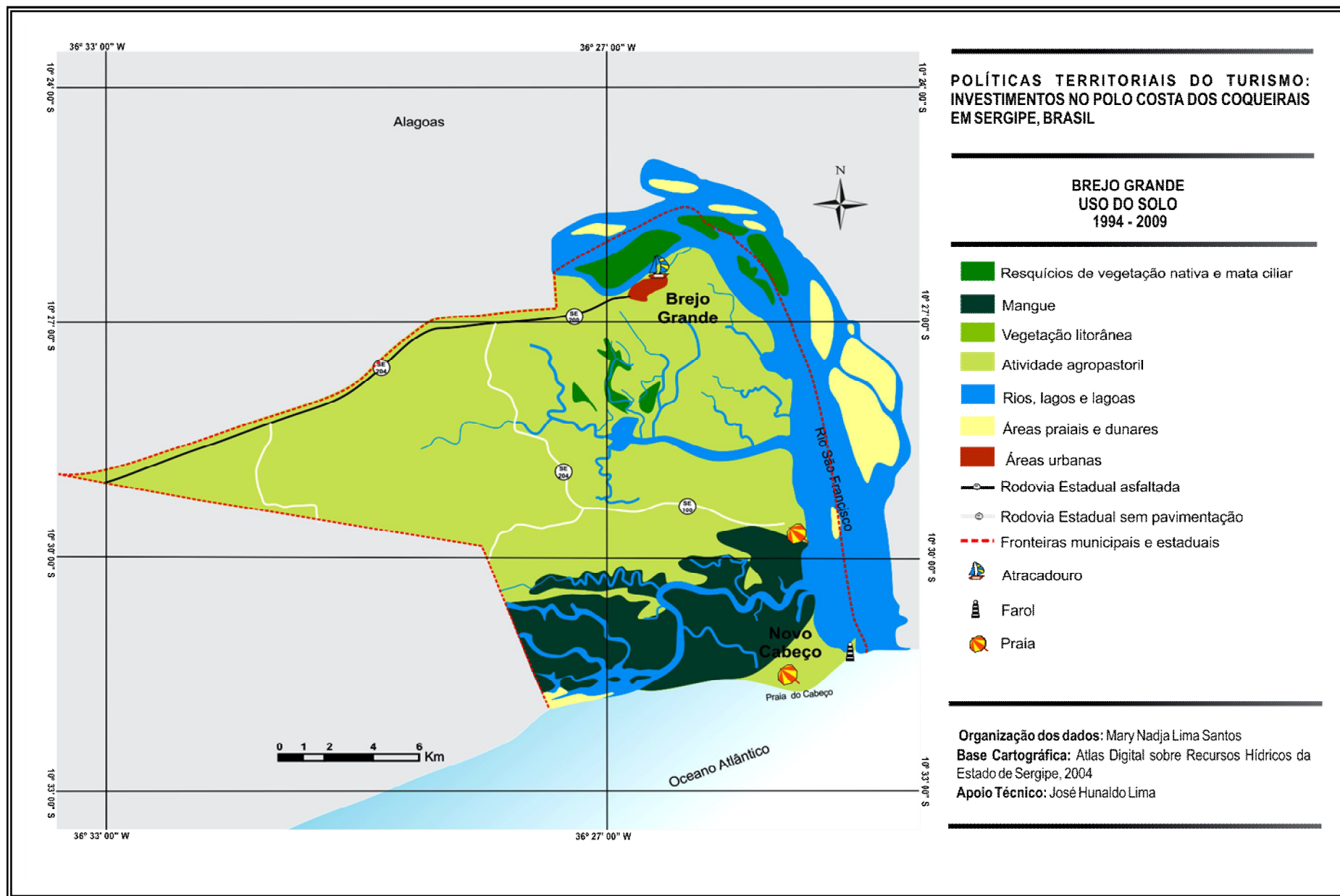


Fig. 11 - Cartograma do uso do solo do município de Brejo Grande, Sergipe, 2009.

Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II



**Pacatuba** de “São Félix de Cantalício”<sup>6</sup> situa-se igualmente no Litoral Norte de Sergipe, na mesorregião do Leste Sergipano e na microrregião de Japarutuba, encaixada no vale do São Francisco; teve sua fundação na data de 1953. O nome Pacatuba é uma homenagem ao cacique dos índios tupinambás, pois estes foram os primeiros habitantes da região que esteve sob sua dominação até 1590. Acredita-se que, nessa época, estabeleciam relações comerciais com os franceses.

Pacatuba e sua paisagem de alagados distam da cidade de Aracaju 116 km, possui uma área de 407,3 km<sup>2</sup>, e sua população é estimada em 12.756 habitantes (IBGE, 2008), com um potencial turístico singular: um santuário ecológico “assentado em um vasto planalto”; paisagens de praias e dunas inexploradas, como a Ponta dos Mangues; o encontro dos rios da região com o oceano Atlântico; e o pantanal com 40 km<sup>2</sup> de extensão – considerado o segundo maior riacho de pantanal do Nordeste<sup>7</sup>.

[...] Manchas esparsas desde a Lagoa Grande entre Pirambu e Pacatuba, como também na área compreendida entre o riacho Parabuva e o canal do Poço. As principais áreas de ocorrência dos depósitos dos mangues encontram-se entre o povoado Ponta dos Mangues, município de Pacatuba, e a Ilha do Arambipe, município de Brejo Grande, margeando o canal do Poço e o Riacho Parabuva contornando também ilhas de feição deltaica do São Francisco e margeando o rio Praúna, em Brejo Grande (SOUZA, 2007, p. 96).

As chuvas expressam a condição tropical do município litorâneo que, segundo Pinto (1999, p.33), delimita a área mais úmida do sul e a mais seca, no norte. A média anual da pluviosidade de Pacatuba, calculada pela autora, é de 1.197, 6 mm, coincidente com a cota de 1.200mm, que delimita o agreste mais úmido do mais seco. Por conseguinte, tem-se que o clima do município é propício ao desenvolvimento de sua biodiversidade e não constitui barreira à prática do turismo.

A figura 12, a seguir, retrata esse cenário.

---

<sup>6</sup> Conta a lenda que Félix nasceu nas proximidades da aldeia de Pacatuba, se tornou frade e fez sua carreira religiosa como prisioneiro dos índios, catequisando-os; estes, convertidos, fizeram uma capela em sua homenagem. No entanto, a Igreja Católica diz que Frei Félix nasceu na Itália em 1515 e o seu fervor pelos pobres foi decisivo para ser canonizado como santo (CINFORM, 2002).

<sup>7</sup> Depósitos de pântanos e mangues atuais são constituídos predominantemente de sedimentos argiloso-siltosos, ricos em material orgânico (BITENCOURT *et al*, *apud* SOUSA, 2007, p. 96).



Fig. 12 – Cenário Paisagístico do município de Pacatuba/SE, 2008  
Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

A região abriga variadas espécies de aves e animais ameaçados de extinção, como jacaré de papo amarelo (PDITS, 2005, p. 35). Também essa área (figura 13) é composta de restingas e mata atlântica.



Fig. 13 – Paisagem de pântanos e mangues, Pacatuba/SE, 2008.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.

O município é comercializado como berçário mundial de patos provenientes da Patagônia. As atividades econômicas são desenvolvidas a partir da cana-de-açúcar, do plantio de coco, da agricultura, da pesca e da extração mineral de petróleo e gás. O artesanato também colabora com a produção de bolsas, sacolas, cintos, entre outros, através da fibra de taboa<sup>8</sup>. Além disso, recursos minerais como cobre, ferro, manganês, cálcio, mármore, sódio, potássio são extraídos dessa localidade.

O conjunto de figura 14 representa o local onde se produz o artesanato do município.

---

<sup>8</sup> Vegetal da família *Typhacea*, nome botânico *Typha dominguensis* pers. Esse material é usado para produção do artesanato local.





Fig. 14 – Aspectos da infra-estrutura e atividade artesanal, Pacatuba/SE, 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.

A figura 15, a seguir, espelha a condição geoambiental de Pacatuba (SE).

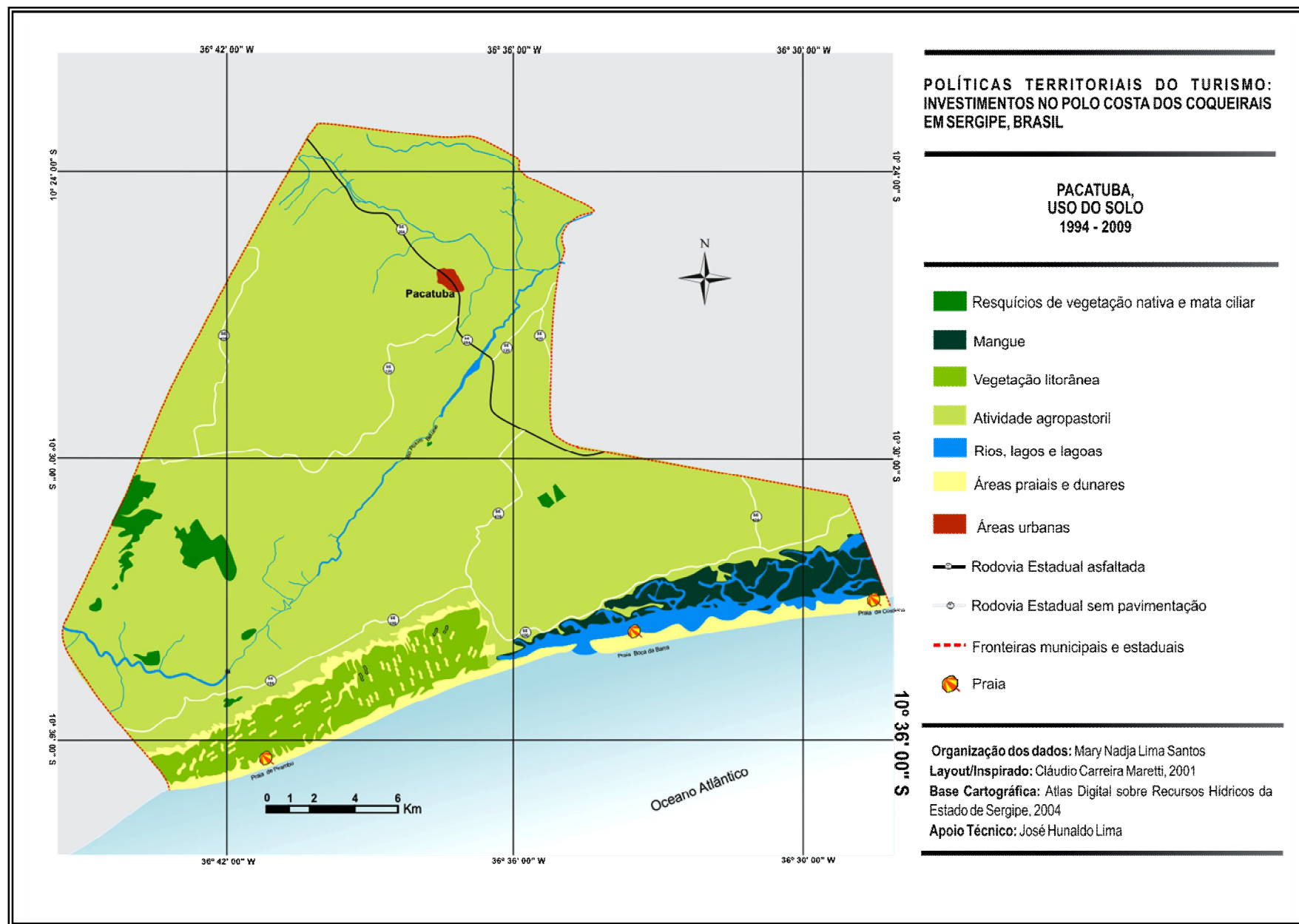


Fig. 15 - Cartograma do uso do solo do município de Pacatuba, Sergipe, 2009.  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II

**Pirambu**, área de preservação marinha, também se localiza no Litoral Norte e é uma referência para um roteiro ecológico, praiano e ainda pouco explorado turisticamente. O cenário paisagístico do município revela (figura 16): lagoas, praias, dunas, coqueirais, manguezais, trilhas, rios e cachoeiras. Representam o cotidiano do lugar, vilarejos de pescadores e de artesãos. Dentro dos limites territoriais, visualizam-se três ecossistemas diferentes: o mar, o mangue e o pântano.



Fig. 16 – Cenário paisagístico do município de Pirambu/SE, 2008.

Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

A Reserva Ecológica de Santa Isabel, mantida pelo Projeto TAMAR abriga um dos principais centros de estudo das tartarugas marinhas.

As imagens contidas na figura 17 correspondem à estética do cotidiano da população de Pirambu, suas praças, a quadra de esportes, a igreja local, a feira livre.





Fig. 17 – Cotidiano da comunidade, Pirambu/SE, 2008.

Fonte: SANTOS, BONFIM, CRUZ, 2008.

Com ares de vila de pescadores, nasceu no início do século passado, **Pirambu**, próximo da desembocadura do rio Japarutuba, com uma área territorial de 218 km<sup>2</sup>. Essa denominação “Pirambu” significa em tupi guarani “Peixe Grande”. Pirambu foi a primeira base de tratamento de tartaruga marinha instalada no Brasil, em 1982. Sede da Coordenação Regional de Sergipe monitora 56 km de praias de reprodução e alimentação das tartarugas marinhas.

A cidade tem porte pequeno e possui 8.227 habitantes com densidade demográfica de 38 habitante/km<sup>2</sup>, cujo percentual em relação ao Estado de é 0,42% (BRASIL: IBGE, SEPLANTEC, 2007).

A agricultura e a pecuária apresentam, respectivamente, riquezas como o coco-da-baía, a mangaba, a mandioca, bovinos, ovinos, suínos, caprinos e galináceos; é forte a carcinocultura. Há ainda pequena fábrica de gelo para abastecer não só barcos pesqueiros, mas também os equipamentos e o apoio ao turista e à comunidade.

O discurso político corrente divulga: o município possui temperatura amena, faz parte da Costa dos Manguezais; já foi atendido com algumas obras do PRODETUR I, por lá passa o rio Japaratuba, o que está representado por uma das cinco estrelas da bandeira de Sergipe.



Fig. 18 – Equipamentos e serviços de apoio ao turismo, Pirambu/SE, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.

O município possui seis pousadas, 230 leitos; duas têm piscina; outra serviço de quarto até às 23 horas. Os pratos mais famosos são as moquecas de cação e arraia. Numa breve síntese cultural, o Ilariô e o Reisado da Tartaruga e o artesanato produzido com a folha de ouricuri. Além de pequenas festas, há um calendário de quatro eventos: Pirambrega, Carnaval, *Reveillon* e São João antecipado, com artistas locais e nacionais.

A figura 19, a seguir, expressa o uso territorial do solo.



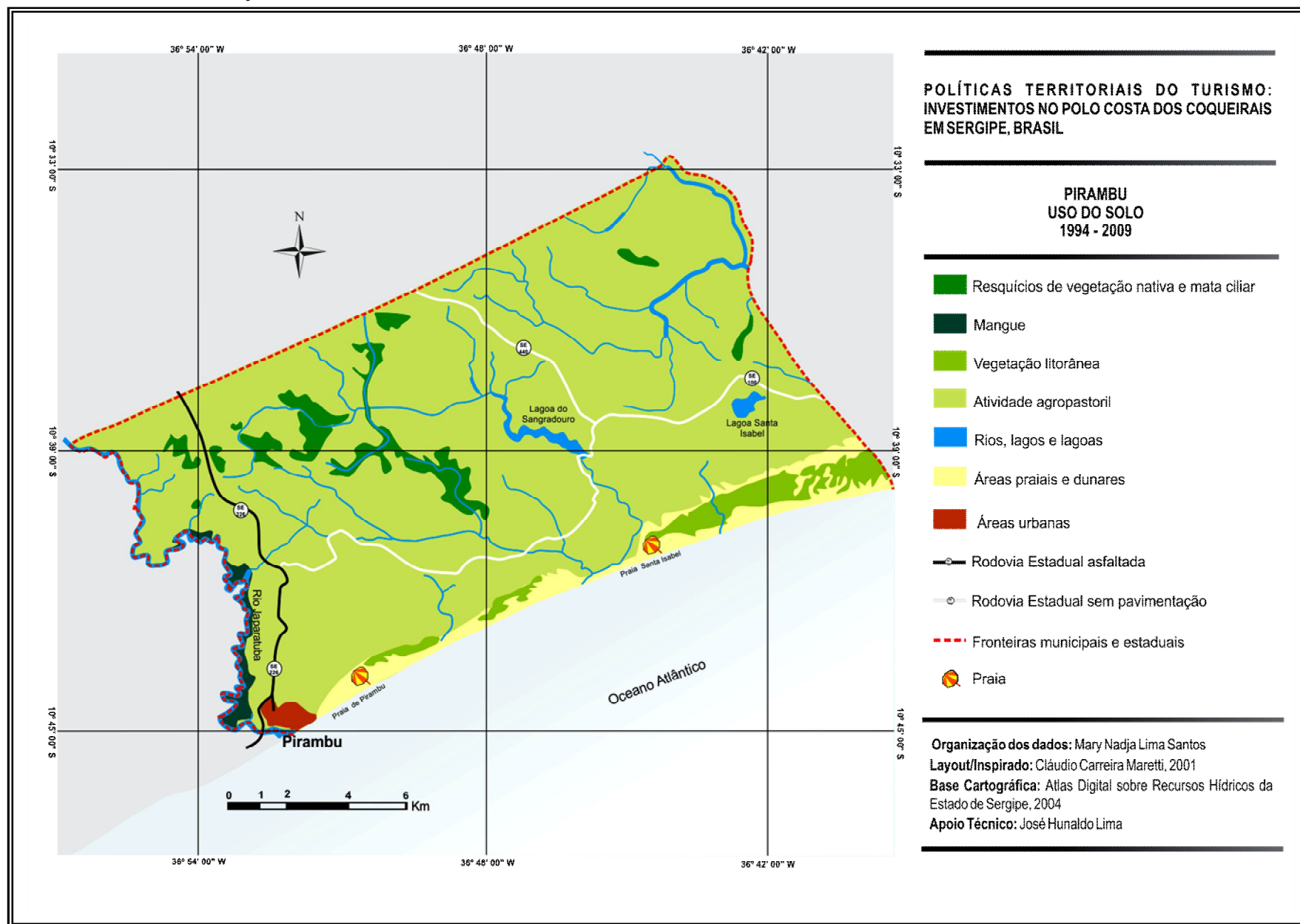


Fig. 19 – Cartograma do uso do solo do município de Pirambu, Sergipe, 2009.  
 Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II

**Barra dos Coqueiros** fica à margem esquerda do rio Sergipe, defronte à cidade de Aracaju; a travessia entre ambas é realizada via balsa ou barcos ou por transporte rodoviário, após a construção da ponte que liga Aracaju/Barra dos Coqueiros. Conhecida também como Ilha de Santa Luzia, o município integra a mesorregião homogênea do leste sergipano, com altitude média sobre o nível marítimo de dois metros (RIBEIRO *et al*, 2007).



Fig. 20 – Ponte Construtor João Alves - Aracaju/Barra dos Coqueiros/SE, 2009.  
Fonte: ESPINHEIRA, Ricardo, 2009.

O clima do município é úmido e quente, reflexo de sua tropicalidade, a temperatura média anual está em torno de 25°C, oscilando entre 20°C (mês de julho) e 30°C (mês de janeiro). O período chuvoso estende-se de abril a junho com precipitações em torno de 1.400mm anuais (*op. cit.*) Localiza-se na zona fisiográfica do litoral<sup>9</sup> do Estado de Sergipe e estende-se em direção SE-NO ao longo do litoral atlântico.

---

<sup>9</sup> **Fisiografia** – do grego *physis* – natureza e *graphos* – descrição. Por conseguinte, significa dizer descrição da natureza; ou é denominada de geomorfologia – ciência que estuda as formas de relevo desde sua origem, estrutura, natureza das rochas, clima da região e as diferentes forças endógenas e exógenas que, de modo geral, entram como fatores construtores e destruidores do relevo terrestre (GUERRA; GUERRA, 2008, 276; 303).

**Zona costeira**, geomorfologicamente, é considerada zona do litoral; no entanto, para os hidrógrafos da Marinha, há uma distinção entre as duas zonas. A primeira representa o espaço compreendido entre uma preamar e baixa-mar e, quanto à segunda, é a outra parte da plataforma continental que se segue em direção ao talude continental – região submarina que se estende de 200 a 1.000 metros de profundidade e se encontra entre a plataforma continental e a zona abissal – (*op. cit.*, 595).



Fig. 21 – Rio Pomonga, (à esquerda e acima). Lado direito (abaixo), lagoas de produção de pescado, Barra dos Coqueiros, 2009. Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

O modulado do município da Barra dos Coqueiros é composto por planícies marinhas e flúvio-marinhas com topografia plana e suave ondulada e se estende ao longo da área. Em termos de coordenadas, o município está situado na “parte oriental do Estado de Sergipe”. (Ribeiro *et al*, 2007, p. 4).

Sobre o município da Barra dos Coqueiros, acrescenta-se:

[...] Área originada da coalescência dos cordões litorâneos, restingas com predominância das areias quartzosas de granulações finas e homogêneas, acusando uma ação morfogenética intensa dos flúvio-marinhos e eólicos, observados principalmente na parte norte do município. Suas praias são faixas de areia de origem marinha de cor esbranquiçada, de textura média e fina que acompanha toda a orla marítima. Os manguezais abrangem extensas manchas ao longo de todo o percurso do rio e canal de Pomonga e em algumas áreas da foz do Rio Sergipe, perfazendo um total de aproximadamente 15 km, correspondendo a 17,2% da área total do município; observa-se nestas áreas um acúmulo de matéria orgânica oriunda da decomposição dos mangues e da ação biológica dos caranguejos e outros crustáceos (*op. cit.*, p. 6).





Fig. 22 – Área urbana do município, Barra dos Coqueiros, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

A dinâmica ambiental e urbana desenvolve-se “entre as desembocaduras dos rios Sergipe e Japaratuba, sendo que a drenagem principal do município é feita pelo rio Pomonga, afluente da margem esquerda do rio Sergipe”. O rio Pomonga possui 34 km de extensão, com regime perene em todo o seu percurso e, através do canal que leva o mesmo nome, liga-e à bacia do rio Japaratuba. O rio Mangaba e os Riachos Portal e Guaxinim, desembocam no rio Sergipe (*op. cit.*). Alguns rios estão em limites de fronteira com os municípios vizinhos: o rio Sergipe (navegável), com Aracaju (10 minutos), a leste; o Pomonga e o canal, na direção SE-NO, com Santo Amaro das Brotas (22 minutos) e o município de Japaratuba, ao norte, com o rio Japaratuba. A superfície municipal é de 86 km<sup>2</sup>.



Fig. 23 – Porto de Sergipe, praia e atividade econômica – criação de viveiros, Barra dos Coqueiros, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

A abundância de peixes – atum, cavala e crustáceos – no litoral atlântico e nos rios, estimula a pesca, que é feita rotineiramente. O sal marinho constitui uma riqueza mineral, explorada por duas salinas situadas à margem do rio Pomonga. O regime climático do tipo mediterrâneo favorece, no passado, com a “atividade salineira”, em virtude de os mínimos pluviométricos ocorrerem nos períodos de maior temperatura, o que provoca uma maior evaporação das águas represadas nos “tanques de salinas e a cristalização dos sais” (Ribeiro *et al*, 2007). Em 1960, a pesca não colonizada, feita por 72 pescadores, rendeu 7,9 toneladas, no valor de meio milhão de cruzeiros.

A sua base econômica é primária, marcada pela produção de coco-da-baía, que antigamente representava a principal fonte de renda, e por uma cultura de subsistência a exemplo da mandioca, quiabo e mangaba. Atualmente o espaço ocupado pela agricultura vem sendo substituído por construções, conjuntos habitacionais, loteamentos, chácaras de lazer, residências de veraneio (*op. cit.*). O potencial de atrativos naturais indica, desde a década de 1990, estratégias políticas de turismo para essa localidade.

A análise comparativa entre as imagens e a figura cartográfica seguinte demonstra, segundo Fonseca *et al* (2009, p. 1), que paisagem e território “são categorias analíticas que encerram em si o espírito de mudanças e transformações no espaço geográfico”. No caso aqui, isso é representado pelos empreendimentos de maior envergadura como porto e pontes (figuras 24 e 25).



Fig. 24 – Caminhos que levam praia do Jatobá, Porto de Sergipe e o Conj. Prisco Viana, Barra dos Coqueiros/SE, 2009.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.





Fig. 25 – Ponte Construtor João Alves (em fase de conclusão), Aracaju/Barra dos Coqueiros/SE, 2009.

Fonte: BOSCO, João, 2006

A paisagem local aparece na figura 26, cuja representação singular expressa o uso do território.

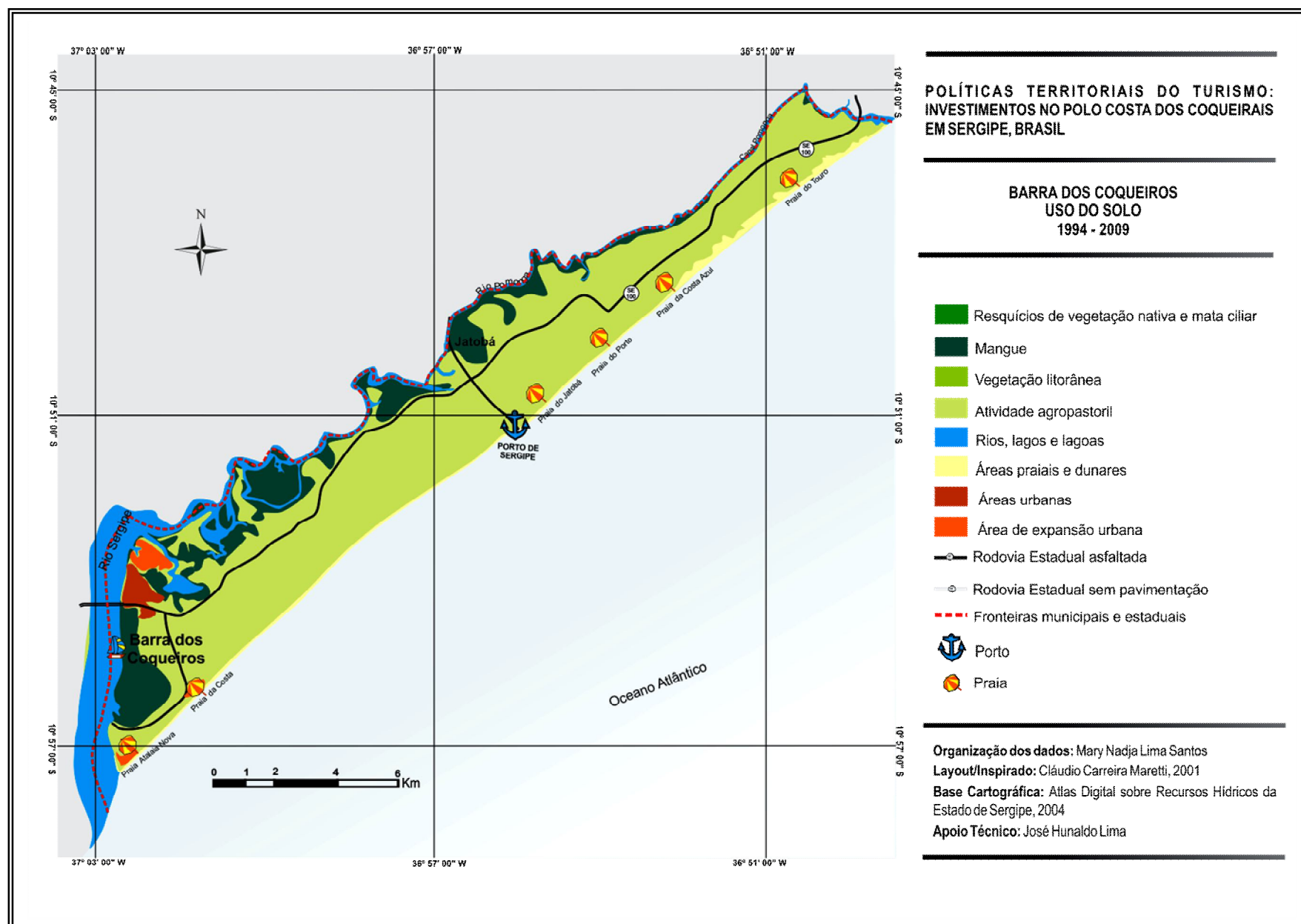


Fig. 26 – Cartograma do uso do solo do município de Barra dos Coqueiros, Sergipe, 2009.  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II



**Aracaju**, centro administrativo-político, constitui-se na maior zona de expansão urbana do Estado. Nessa cidade originalmente predominava a mata atlântica e ecossistemas associados, além de enclaves de cerrado; para evitar maior descaracterização, foi criada, recentemente, a Área de Proteção Ambiental Morro do Urubu, localizada no perímetro urbano.

O topônimo Aracaju deriva da expressão indígena "ará acaiú", que em tupi-guarani significa "cajueiro dos papagaios". A cidade nasce de um arraial de pescadores que pertencia juridicamente a São Cristóvão e, segundo dados do CINFOM (2002), surge de forma inusitada, pois sua fundação foi planejada pelo presidente da província, Inácio Joaquim Barbosa, para ser a sede do Governo do Estado.



Fig. 27 – Cenário Paisagístico do município de Aracaju/SE, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

A Capital do Estado está localizada no litoral, banhada pelos rios Sergipe e Vaza Barris. Inácio Barbosa, quando a escolheu, tomou uma decisão estratégica: a proximidade do litoral concorria para a construção do porto e, por conseguinte, facilitaria o escoamento da mercadoria, na perspectiva de desenvolvimento da província.



Fig. 28 – Paisagem atual do município de Aracaju - capital do Estado, sem alteração nos limites do seu centro - Aracaju/SE, 2009.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

A contagem populacional da cidade de Aracaju indicou 520.303 habitantes e uma densidade demográfica de 2.989 hab/km<sup>2</sup>. Corresponde, em relação ao Estado, a 26,83% (BRASIL, 2007). Tal contingente atinge 783.921 mil habitantes, somando-se as populações dos municípios que formam a Grande Aracaju, a saber: Nossa Senhora do Socorro, Barra dos Coqueiros, Laranjeiras e São Cristóvão.

A distribuição cronológica das chuvas constitui um fator natural que favorece o turismo, pois o calendário não representa obstáculo e a quantidade total não transforma as atividades urbanas. Chove acima de 1.500mm anuais, mas, segundo Pinto (1999), apresenta variabilidade relativa, evidenciando alguns períodos temporais de seca, cujo problema concreto pode se refletir no abastecimento de água à população. O coeficiente de variação calculado pela autora é superior a 30% (40,45%), implicando amplas flutuações em torno da média, mas que não se configura entre as áreas mais problemáticas do Estado.

Nas comemorações dos 150 anos de vida urbana de Aracaju, França (2005) pontua que o espaço geográfico foi um dos principais empecilhos para que o povoado se tornasse a capital de Sergipe. A necessidade econômica esbarrava no dilema de como ocupar e urbanizar



aquele local que se concentrava inicialmente em uma colônia. Segundo ela, até o início do século XX, a cidade de Aracaju passou por crescimento difícil, em decorrência do pequeno volume de investimentos feitos.



Fig. 29 – Mostra dos principais atrativos turísticos da cidade de Aracaju , 2009.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

A transformação da capital sergipana é um processo que vem se desenrolando ao longo dos anos e acaba, por assim dizer, traduzindo uma nova forma de conceber, explorar e utilizar o espaço (NASCIMENTO; SANTOS, 2003).

O turismo possibilita melhorias das condições de vida dessas comunidades, como também ser a resposta/solução para minimizar a pobreza que se instaurou em bairros periféricos da capital.

Diante desse contexto e apesar das dificuldades, Aracaju dispõe de recursos naturais e infraestrutura que facilitam tanto a vida cotidiana de seus munícipes, como também daqueles que aqui aportam (figuras 29, 30 e 31). A cultura também se manifesta de forma singular: manifestações religiosas, feiras de arte, músicas, danças, atividades esportivas, shows, encontros nas praças e ambientes de festas fortalecem o elo de convivência entre as pessoas, e

isso tem um reflexo positivo para o turismo local. Além disso, bairros que com suas peculiaridades comungam no encontro de lazer e entretenimento.



Fig. 30 – Estética do cotidiano da cidade de Aracaju /SE (visão noturna da cidade), 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.





Fig. 31 – Orla de Atalaia: atração turística 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

Não obstante essa singularidade, a capital de Sergipe tem como principal característica o crescimento urbano de expressiva área construída nas últimas décadas. Segundo dados de Fonseca *et al* (2009, p. 9), o município de Aracaju apresenta a zona de pós-praias mais ocupada de todo o litoral do Estado, reflexo da valorização dos terrenos à beira-mar, que são vendidos com um apelo de *marketing* ecológico e de fuga de *stress* da área urbana, densamente ocupada, ainda que próxima de equipamentos facilitadores da vida moderna. A construção da ponte Joel Silveira, segundo a mesma referência, trará um aumento da ocupação territorial entre o bairro Mosqueiro e os municípios que ficam no litoral sul sergipano (Itaporanga d’Ajuda, Estância, Indiaroba, entre outros), “contribuindo para um aumento significativo do fluxo de ocupação e servindo de eixo estruturador do espaço” (*op. cit.*).

Nessa linha, o turismo também pode sair fortalecido, em termos de acesso às praias do litoral, instalação de micro e pequenos empreendimentos turísticos que, por certo, trarão benefícios à coletividade. Essa deve ser a meta governamental, empresarial e, principalmente,

da organização civil através de seus sindicatos, associações e cooperativas e, consequentemente, do discurso à prática, pode desenvolver ações de ordem social.

Há um discurso corrente sobre os projetos implementados e aqueles que estão em andamento e que refletem na carteira de turismo no Estado:

[...] Biblioteca Municipal Clodomir Silva, que já tem livros em braile, Galeria de Arte Álvaro Santos, Escola de Artes, Mirante da Praia 13 de Julho, Museus de Rua – na Ponte do Imperador e Memorial da Bandeira, entre outros. Mostrou o calendário de eventos: *reveillon*, corrida de barcos na Festa de Bom Jesus dos Navegantes, carnaval, Projeto Verão, comemorações do aniversário de 150 anos da cidade em 17.03.05, *fórum* do forró, Forró Caju, dia da criança e Natal. Falou dos Projetos a serem implementados – restauração do colégio Nossa Senhora de Lourdes, Orla de Aruana, drenagem e pavimentação do Bairro de Atalaia, aterro sanitário e estruturação do órgão gestor. Sobre as Ações Integradas – retirada das palafitas da Coroa do Meio, benfeitorias na Orla do Bairro Industrial, Orla do Parque dos Cajueiros (no Inácio Barbosa), recuperação do Parque da Sementeira. Apoio aos eventos em parceria com *Convention Bureau*, que já tem eventos agendados até 2013.<sup>10</sup>

Esse conjunto de atrativos da paisagem está ancorado no cartograma de uso do solo, figura 32, que demonstra um território densamente ocupado e de expansão urbana. E não poderiam faltar nesta mostra visual os equipamentos estruturantes como aeroporto, atracadouros, *shopping center* e atrativos artificiais (teatros, museus, casas de espetáculos, entre outros); complementam esse cenário as praias e os rios que circundam a cidade.

---

<sup>10</sup> Notas extraídas da Ata, Reunião Extraordinária do Polo Costa dos Coqueirais, 10/01/2009, com grifos da autora.

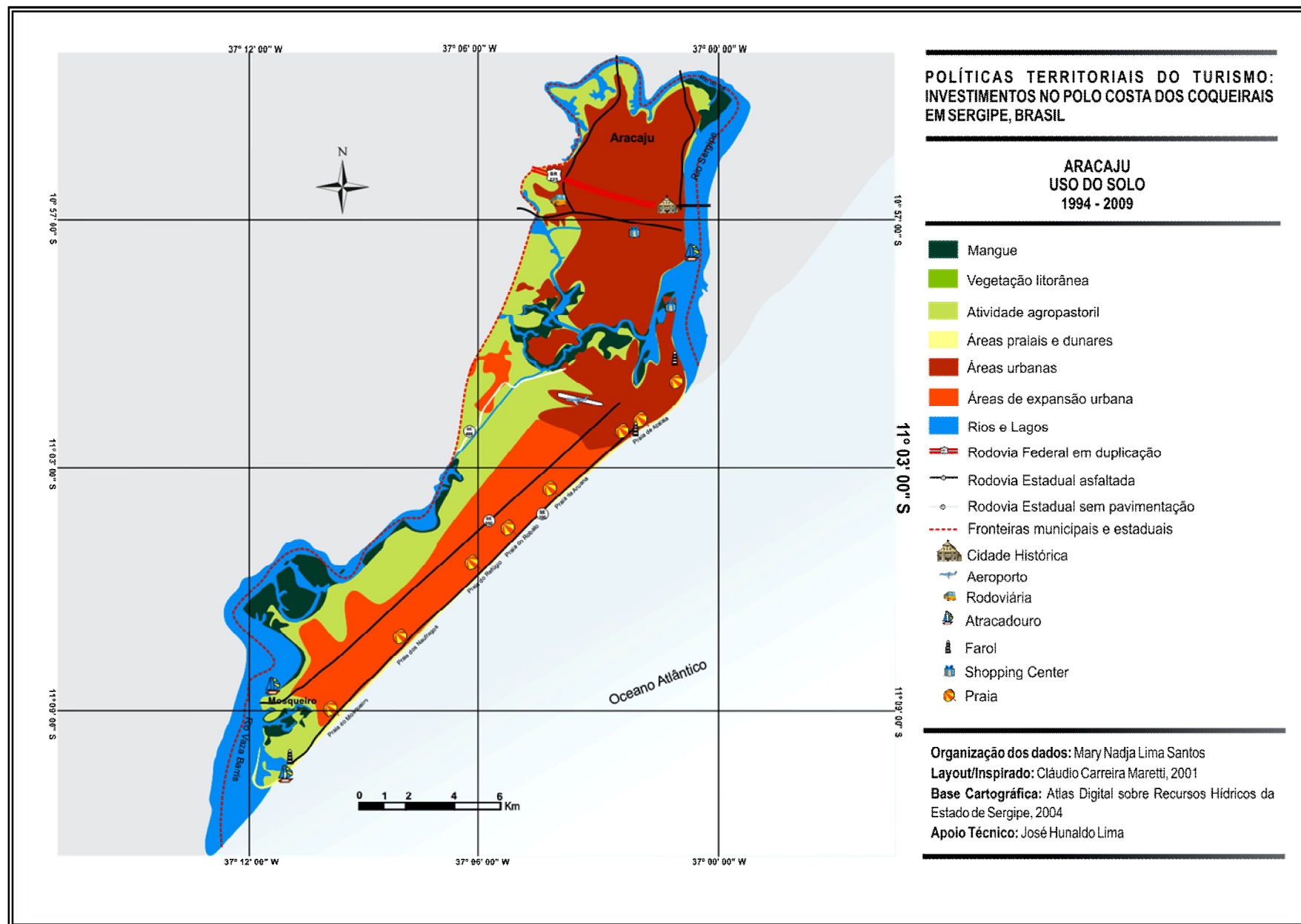


Fig. 32 - Cartograma do uso do solo do município de Aracaju, Sergipe, 2009.  
 Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II



Município de identidade histórica e cultural, São Cristóvão situa-se ao norte do estuário do rio Vaza Barris, localizado na mesorregião Leste Sergipano e microrregião de Aracaju, com 47 m de altitude. Dista até a capital 26 km pela BR 101; a temperatura média anual é de 25°, e o período mais chuvoso corresponde aos meses de março e agosto, o clima é considerado tropical.

É dotado de uma vegetação hidrófila com vestígios de mata atlântica. A cidade é banhada por duas bacias hidrográficas: a bacia do rio Vaza Barris e o rio Poxim, afluente do rio Sergipe.



Fig. 33 – Cenário que representa a cidade, casa dos irmãos franciscanos e a Praça do Convento São Francisco, São Cristóvão/SE, 2009.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

O município foi fundado por Cristóvão de Barros, que chegou à região em 1589, com o objetivo de conquistar o território sergipano, construiu um forte e fundou uma povoação com o nome de São Cristóvão. O espaço sergipano assim foi colonizado, em 1590, por ele, que empreendeu combate contra os índios tupinambás, antigos habitantes da região (SOUZA, 2005). Na perspectiva de colocar essa cidade como capital da província, Cristóvão de Barros



distribuiu lotes de terras chamadas sesmarias, que auxiliariam no povoamento do então conquistado território (SANTOS; OLIVA, 1998).



Fig. 34 – Monumentos arquitetônicos, São Cristóvão/SE, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

Capital da província de Sergipe até meados do século XIX, São Cristóvão conserva da fase colonial alguns edifícios históricos – sua arquitetura barroca e colonial é formada por casarios que datam dos séculos XVII, XVIII e XIX. Todavia, parte de seu acervo colonial desaparece em dois incêndios que ocorreram 1637 e 1645. As tradições, como as romarias e as festas religiosas como a festa de Nosso Senhor dos Passos, compõem e atraem fiéis de vários Estados do Brasil. É uma das cidades mais antigas do país, sendo patrimônio histórico nacional (*op. cit.*). Em 17 de março de 1855 é aprovada, pela Assembléia Legislativa, a transferência da capital da província de São Cristóvão para Aracaju.



Fig. 35 – Dinâmica social do município de São Cristóvão/SE, 2009.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

São Cristóvão passou de cidade operária a polo industrial. Essa fase começou em 1912, com o surgimento da fábrica têxtil *Sam Christovam* (hoje desativada), que oferecia emprego, creche, escola, moradia, assistência médica e odontológica. Desde então o município passou por grandes transformações, por exemplo, a instalação do *Cine Tryanon* – hoje tombado; no local foi construída a Caixa Econômica Federal. A antiga fábrica São Cristóvão foi reconstruída para ser o Mercado de Artesanato Albano Franco, atualmente desativado.

O turismo histórico da cidade vem se constituindo como ocupação e renda, pois o seu acervo exerce atração singular, por exemplo: igrejas, conventos, Museu da Arte Sacra e Cristo Redentor, além do Museu Histórico de Sergipe e de suas paisagens (naturais). São Cristóvão faz parte do Programa Monumenta, cujo principal foco é a restauração do patrimônio. Este se subdivide em duas categorias, a saber: obras em monumentos – Convento e Igreja de Santa Cruz, Lar Imaculada Conceição, Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Sobrado da Antiga Ouvidoria, Museu Histórico do Estado de Sergipe – obras em espaço público: Praça da Bandeira e fachada da Capela dos Capuchinhos, Praça São Francisco, Praça

Senhor dos Passos (Largo do Carmo), Ladeira de Epaminondas (Beco da Poesia), Ladeira do Porto da Banca, Ladeira do Açogue, Beco do Amparo, Largo do Rosário.

No período da pesquisa, São Cristóvão, dispunha de oito grupos folclóricos que enriquecem seu patrimônio cultural – Batalhão de São João, Bacamarteiros, Samba de Coco, Caceteira de Rindo, Dança do Langa, Dança de São Gonçalo, Reisado de Seu Sato e Chegança. Suas histórias podem ser vistas na casa de Folclore “Zeca de Norberto”; localizada na praça São Francisco. Em termos de gastronomia, vale destacar a Casa da Farinha e a Casa da Queijada, localizada na Praça da Matriz. Ademais, a antiga capital sergipana se mantém importante pela sua história.

O município possui um hospital e doze estabelecimentos de saúde, distribuídos na própria sede e nos povoados. Na educação, dispõe de trinta e oito estabelecimentos de educação infantil, cinquenta e quatro de nível fundamental, seis de nível médio e um de ensino profissionalizante, a Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão. Além disso, o Campus da Universidade Federal de Sergipe fica em sua área territorial.

São Cristóvão é considerado uma cidade dormitório, pois a maioria dos moradores trabalha em Aracaju; e outros exercem atividade na própria sede, ou órgãos públicos ou estabelecimentos comerciais como restaurantes, sorveterias, mercearias, armazéns, dentre outros. Outra fonte de renda do município é a agricultura e a pesca; os principais produtos agrícolas são: cana-de-açúcar, coco-da-baía, laranja, mandioca e agricultura de subsistência. Tem-se, no município, pecuária bovina e equina, criação de galináceos e de suínos, utilizados não somente para o consumo, mas também para exportação para os municípios vizinhos, por exemplo, Aracaju e até mesmo para o Estado da Bahia.





Fig. 36 – Estética do cotidiano, São Cristóvão, 2009.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

O acesso à cidade é feito pela BR 101 ou pela Rodovia João Bebe Água, atualmente em fase de duplicação, sentido Universidade Federal de Sergipe – Sede de São Cristóvão (investimentos do Governo Federal em parceria com o Estado). A estrutura dentro da cidade é de aspecto limpo, possui saneamento básico, nos domicílios a coleta de lixo é feita em dias alternados. Tem-se também o Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto-SAAE. A empresa responsável pelo abastecimento de energia elétrica é a Energisa. Na sede é possível notar que as residências mantêm o seu formato arquitetônico desde as suas construções. Já nos povoados do município, as estradas são, em sua maioria, de piçarra. Há casas de alvenaria e grande parte do acesso a esses lugares não é pavimentado, como no caso do povoado Quissamã.

A figura 37 a seguir traz dados complementares da localidade.



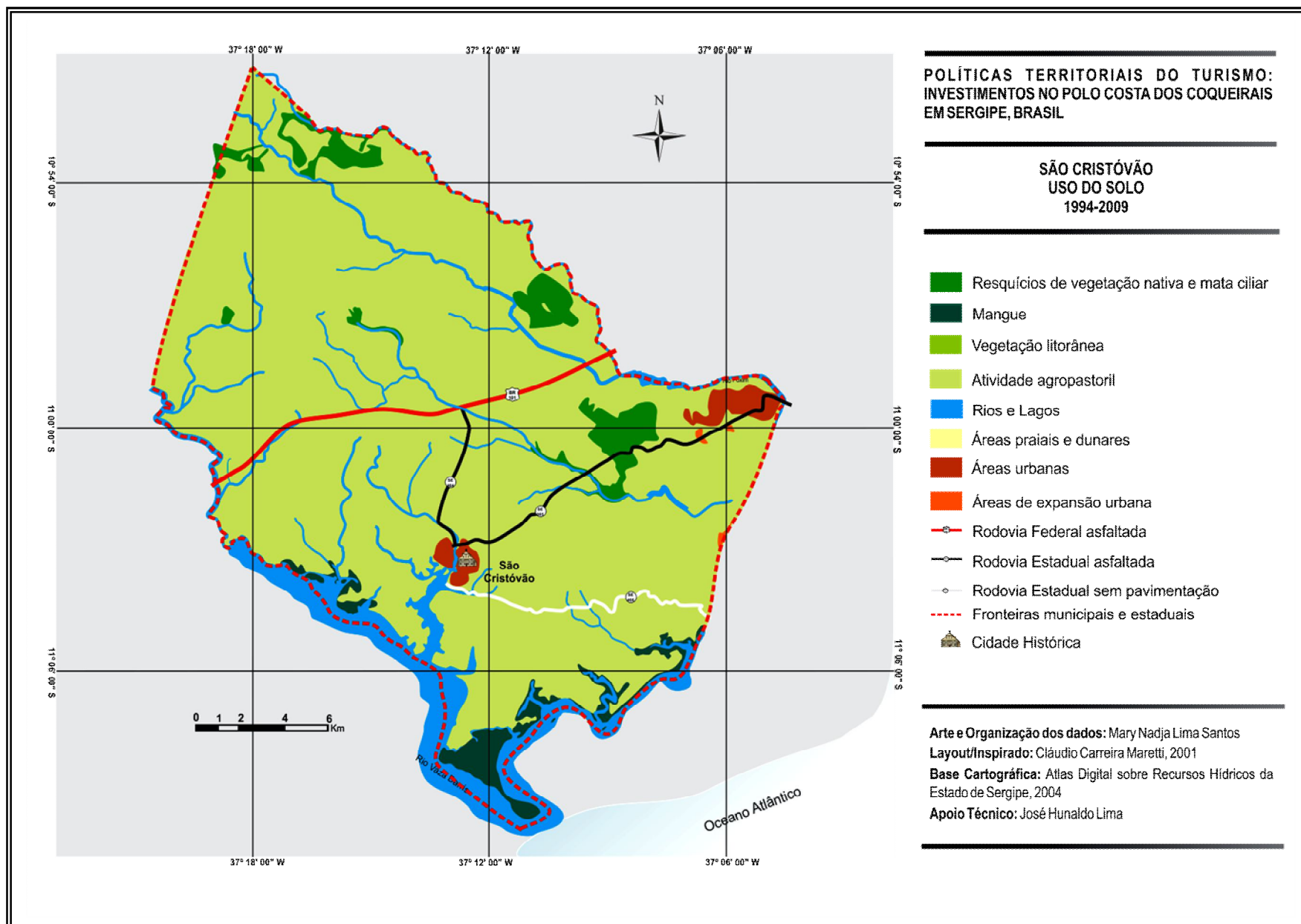


Fig. 37 - Cartograma do uso do solo do município de São Cristóvão, Sergipe, 2008.  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II



Fig. 38 - Vila Operária, Monumentos históricos e Centro Industrial, Estância/SE, 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

Estância tem parque industrial e paisagem singular e encontra-se localizada na microrregião Leste de Sergipe, distando 68 km da capital do Estado. Sua extensão é de 649,6 quilômetros quadrados e se encontra a uma altitude média de 53 metros acima do nível do mar. Tem boas vias de acesso pela BR 101 Sul ou pela rodovia Ayrton Senna, Linha Verde, vinda da capital.

As principais atividades econômicas desenvolvidas no município são: agricultura com o cultivo de banana, coco-da-baía, laranja, manga, tangerina, abacaxi, madeira (carvão vegetal e lenha), indústria de transformação pecuária (aves e bovinos).

O ritmo climático de Estância sugere que as elevadas e invariáveis temperaturas e as precipitações atmosféricas representam um viés significativo na sua geografia, articulando natureza e sociedade, em enfoque espacial e temporal. Há que se considerar o papel das brisas litorâneas, exercendo funções na construção e erosão eólica e propiciando conforto térmico em suas praias.



Fig. 40 - Povoado Rio Fundo, caminho para o Abaís; Praia do povoado Farnaval; Praia do Saco, Estância/SE, out., 2008.

Fonte: SANTOS, Mary N. L. out., 2008.

PINTO (1999) evidencia que o município apresenta médias pluviais anuais elevadas, entre 1.200 e 1.500 mm, com regularidade desses totais, o que significa condição de estabilidade similar em todo o litoral sul sergipano.

Rica em atrativos naturais, dispõe de um acervo fluvial como os canais dos rios Piauí e Piauitinga, Fundo e Capivara; manguezais densos, preservadores da biodiversidade; bucólicas colônias de pescadores; praias e lagoas como a Lagoa Azul, Lagoa Funda e Lagoa do Abais, com a presença de dunas fixas e móveis.

As ilhas Malvinas, da Sogra e do Sossego propiciam atração do peixe boto perseguindo cardumes de tainhas. A natureza alia-se ao acervo histórico-cultural formado pelo conjunto arquitetônico de influência portuguesa, revestido com azulejos em azul e branco.





Fig. 39- Paisagem natural (povoado Farnaval) e artificial de Estância (Fábrica de Postos, B. Santa Cruz) e Praia do Abais, Estância/SE, 2008.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

As festas juninas são atrações turísticas e têm calendário fixo para organização, divulgação e realização. Atrai turistas, com grupos dançando quadrilhas de xote e xaxado, casamentos caipiras, procissão de fiéis católicos de São João, fogueiras montadas ao longo do caminho que leva ao forró-dromo com apresentações de barcos de fogo, entre outros. É cultura popular a dança da pólvora, tipicamente estanciana. Casarões, praças, desfiles de carroceiros, pessoas de todas as idades dançando ao som do forró, produção de fogos de artifício, com os trabalhadores entoando cantigas típicas do serviço.

Outros atrativos como ponte do Bonfim, casarões coloniais revestidos com azulejos portugueses, a antiga fábrica Santa Cruz, o condomínio Porto Bello na praia do Abais, a ilha da Sogra, que é um banco de areia na praia do Saco, manguezais, que são fontes de alimentos para peixes e crustáceos; dunas, onde turistas fazem passeios de bugre; lagoa do Abais, local em que se veem pessoas alimentando peixes tambaquis e com eles nadando. A praia do Saco é local de segunda moradia e propicia a prática de esportes náuticos; a Ponta do Saco, Porto d'areia, onde os navios efetuavam troca de mercadorias; geralmente saíam quatro barcos para o sul do país e um para a Europa, naqueles navios também iam os filhos dos fazendeiros para

estudar fora do país. A centenária Lira Carlos Gomes, tocando vários estilos musicais. A artista plástica Judite Melo, que faz com argila santos barrocos comercializados para o exterior, além de figuras típicas nordestinas. Enfim um resumo que justifica o título de Cidade Jardim, dado por D. Pedro I.

A figura 41 dá o contorno e fornece o conjunto do uso do solo.

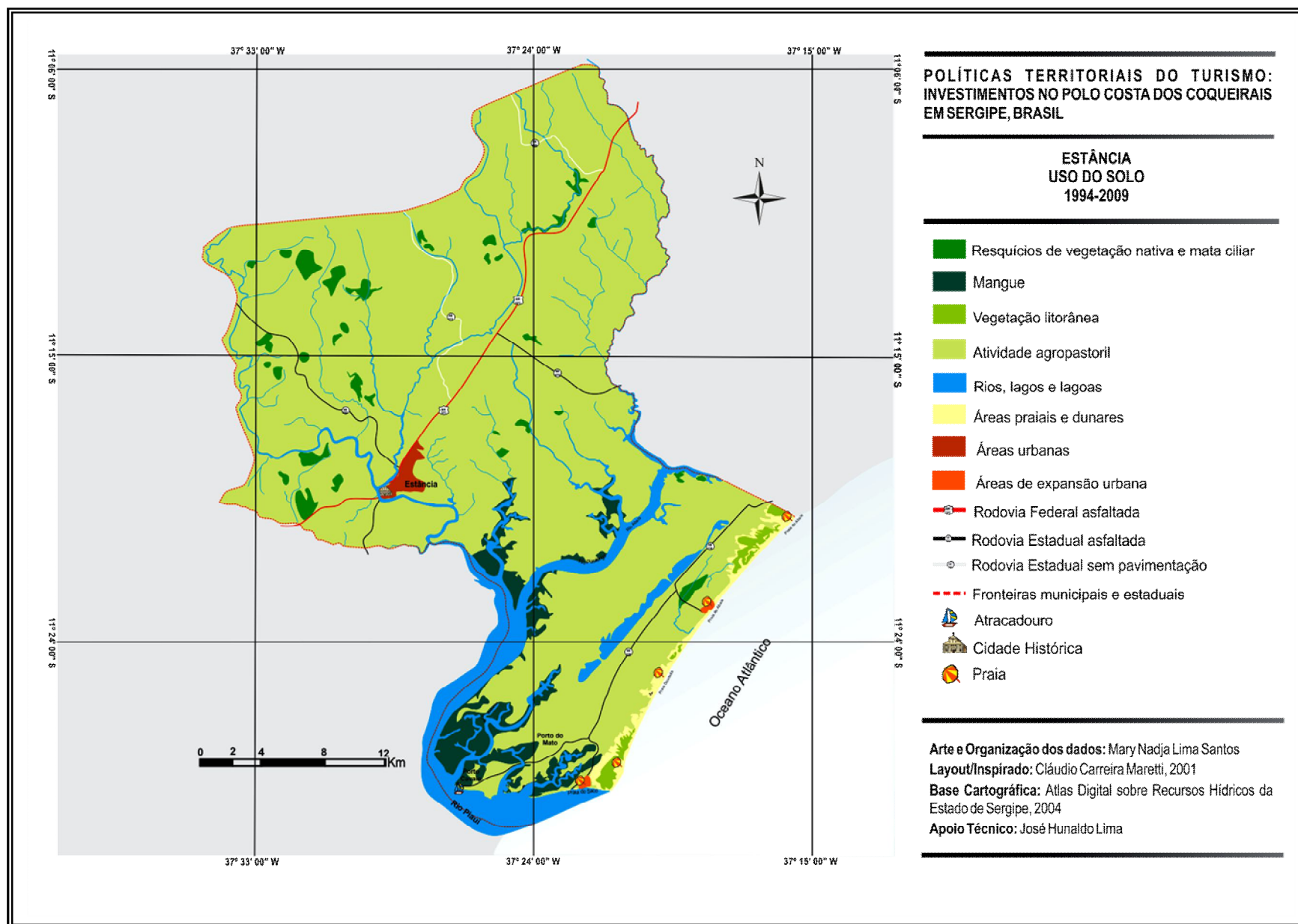


Fig. 41 - Cartograma do uso do solo do município de Estância, Sergipe, 2008.  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II



Indiaroba e seu parque natural encontram-se localizados na microrregião de Estância, ao sul de Sergipe, distando 99 km da capital do Estado. O clima é semiúmido com regularidade na distribuição das chuvas. Solos arenosos e profundos, de média a baixa fertilidade natural e presença dos tabuleiros costeiros sul (SERGIPE, 2009a). Tem como vias de acesso a BR-101 Sul ou a rodovia Ayrton Senna, através da travessia de balsa no rio Vaza Barris. Para a cidade de Salvador, o acesso é feito mediante a Linha Verde ou BR-101.



Fig. 42 - Dinâmica Social do município de Indiaroba/SE, out., 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L. out., 2008.

A população residente na zona rural do município é numericamente superior à da zona urbana; 11.790 e 5.299 habitantes (*op. cit.*). A Indústria de Beneficiamento de Camarões (LUSOMAR) colabora com esses resultados, pois aproveita a mão de obra local. Essa empresa situa-se ao norte da Bahia (município de Jandaíra, divisa com o povoado Preguiça/Indiaroba/SE e rio Real).



Fig. 43 - Paisagem do Município de Indiaroba/SE 2008.

Fonte: SANTOS, Mary N. L. out., 2008.

Na economia destacam-se como principais atividades a agricultura com o cultivo de banana, coco-da-baía, laranja, limão, mamão, manga, maracujá e tangerina e a pecuária com produção de aves. O município de Indiaroba possui localização estratégica em relação ao produto turístico consolidado – Mangue Seco. Embora esse ponto esteja localizado no Estado vizinho (Bahia), pode favorecer outras localidades do litoral Sul, principalmente, incentivando o fluxo turístico local, embora, na atualidade, sirva apenas de acesso.

Indiaroba é considerada a porta de entrada para o turismo de Sergipe e representa estrategicamente oportunidades de negócios, uma vez que a construção da rodovia SE-100, que liga Salvador (BA) a esta cidade (SE), possibilita o traslado por carro ou por transporte rodoviário (Linha Verde). Trata-se de uma cidade cercada por manguezais e, por isso, tem a pretensão de criar o Parque Ecológico, para “preservar o manguezal com telas e dentro dele construir viveiros das várias espécies de animais, siris, aratus, camarões e peixes. Por caminhos suspensos, guias turísticos mostrariam os animais aos turistas”. Devido à cata descontrolada, os caranguejos desapareceram. Para combater tal ação, os biólogos do museu devem estudar a fauna e flora para mostrar caminhos de proteção aos caranguejos ainda



existentes, além de palestras sobre os rios Real, Piauí e Piauitinga com visita técnica de lancha pelos rios.

Inclui-se nesse roteiro uma visita ao Mangue Seco (BA), local de beleza singular, principalmente em relação ao manguezal e com tudo o que antes fora visto na cidade. No museu vivo, os turistas aportam na Reserva da Mata Atlântica, passando por trilhas e incluindo um almoço típico à base de pirão de pitu. Nessa reserva, há uma cachoeira com muitas pedras, o que favorece a comunidade dos pitus. As visitas seriam autos sustentáveis, em face de pagamento da *turnê* pelos turistas. Destaque-se ainda que, além de caranguejos e pitus, podem-se encontrar onças pintadas, macacos de várias espécies e jacarés.



Fig. 44 - Povoado Preguiça – Estrada sem pavimentação e habitações precárias, mas com atrativos naturais singulares, out., 2008.

Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2008.





Fig. 45 - Atividade Pesqueira e Turística, 2008.  
Fonte: SANTOS, Mary N. L., 2009.

Essa descrição favorece a realidade demonstrada na cartografia sobre o uso do solo (figura 46) e as fotos que documentam tal fato, a seguir.

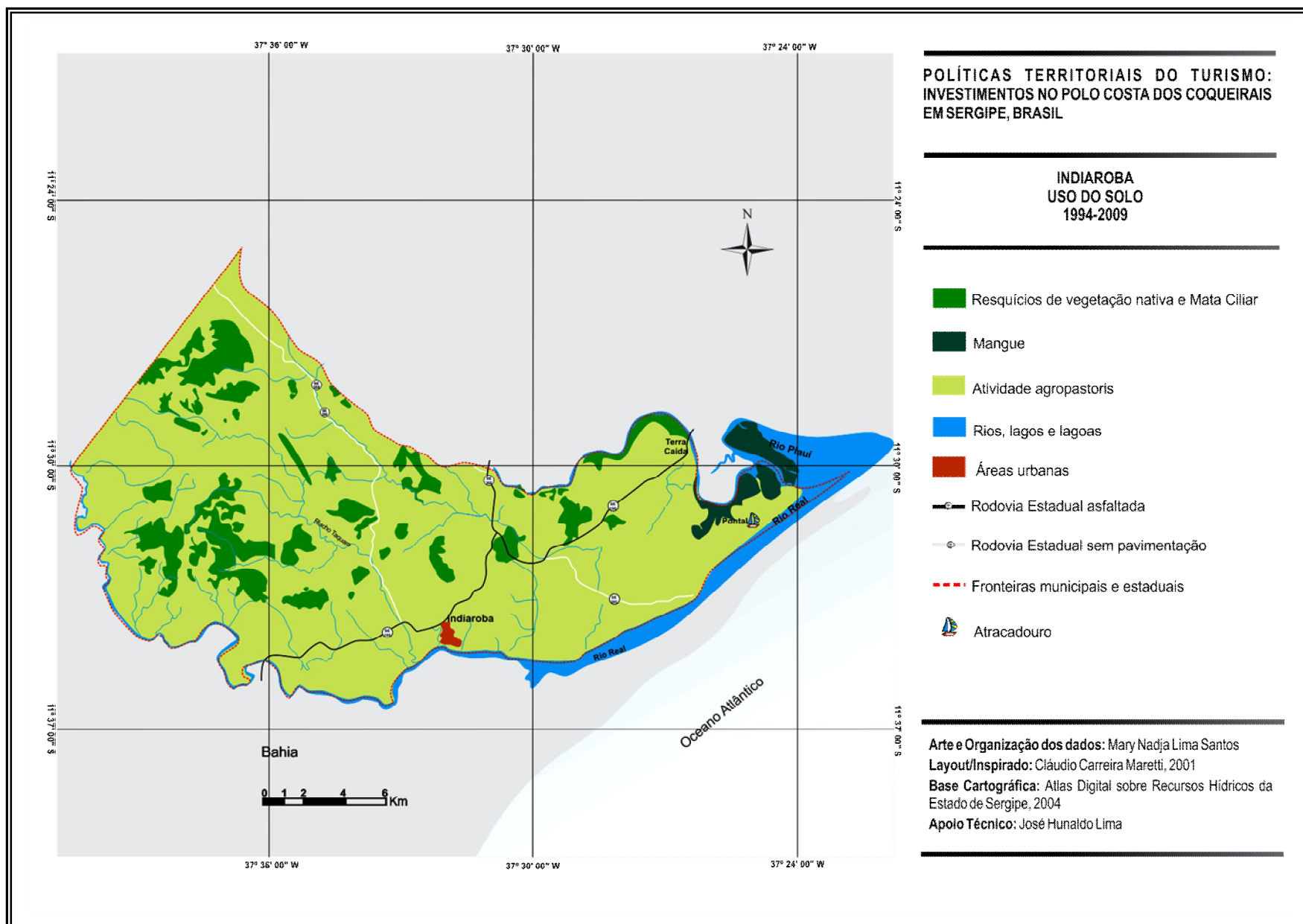


Fig. 46 - Cartograma do uso do solo do município de Indiaroba, Sergipe, 2008.  
Fonte: Mapa Turístico-municípios litorâneos de Sergipe, PRODETUR/NE II